

## O mito judaico na Alemanha nazista e a perseguição aos judeus

Caroline de Alencar Barbosa<sup>1</sup>

Recebido: 03/05/2016

Aprovado: 10/06/2016

A obra *Um mundo sem judeus: da perseguição ao genocídio, a visão do imaginário nazista* da autoria de Alon Confino nos apresenta um panorama da perseguição nazista aos judeus durante os anos do Terceiro Reich (1933-1945) liderado do Adolf Hitler. O autor possui PHD em História pela Universidade da Califórnia, é professor Adjunto da Universidade de Virgínia e foi professor Visitante da Universidade Hebraica em Jerusalém em 2007. Escreveu diversas obras com enfoque na história alemã moderna, dentre elas: *Württemberg, Imperial Germany, and National Memory, 1871-1918* (1997); *The Work of Memory: New Directions in the Study of German Society and Culture* (2002); *Germany As a Culture of Remembrance: Promises and Limits of Writing History* (2006); *Between Mass Death and Individual Loss: The Place of the Dead in Twentieth-Century Germany* (2008).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um conflito marcante para a história do século XX não somente pela sua capacidade de destruição, como também pela ascensão de regimes fascistas como o Nazismo, liderado por Adolf Hitler (1889-1945). Sua política de perseguição às minorias de negros, ciganos, homossexuais e principalmente os judeus marcou todo um século que prometia ser de avanço e tornou-se sombrio<sup>II</sup>. O imaginário nazista da praga judaica foi além dos limites e culminou no assassinato em massa de milhares de judeus nos campos de concentração e suas câmaras de gás. O historiador *Ian Kershaw* já afirmou que “A estrada para Auschwitz foi construída pelo ódio, mas pavimentada pela indiferença”<sup>III</sup>. Portanto, temos assim o ponto de partida para entender o conteúdo desta obra.

A obra divide-se em uma introdução, seis capítulos e epílogo. O autor se propõe a analisar a paranoia generalizada criada na Alemanha durante o Terceiro Reich que tornou possível a perseguição aos judeus. Segundo Confino, os alemães tinham uma ideia de um mundo sem judeus que poderia tornar-se realidade a partir de uma guerra imaginária contra um inimigo também imaginário. A história alemã seria purificada a partir do extermínio dos judeus.

Na Introdução temos uma abordagem da perseguição judaica a partir da *Kristallnacht* (Noite dos Cristais) em 1938, onde a Bíblia judaica foi queimada, lojas e sinagogas destruídas. Este fato seria considerado como uma ruptura na política nazista em relação aos judeus, pois não se encaixava nas ideias de raça e extermínio sistematizado nos anos da guerra. Ao incorporar elementos religiosos aos seus discursos antijudaicos os nazistas mostravam sua preocupação com as origens alemãs, com seu passado e a necessidade de uma reconstrução de sua história nacional sem a presença dos judeus. Para o autor os nazistas interpretaram de novo o passado onde o judeu maléfico aparecia no centro, representando o tempo e que deveria ser dizimado para que uma civilização nazista pudesse surgir.

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA

O primeiro capítulo faz um contraponto entre a República de Weimar (1919-1933) e a ascensão do Terceiro Reich (1933) em relação à postura frente aos judeus na Alemanha. Durante os anos de Weimar a democracia protegeu os judeus por lei, mesmo com a presença de antissemitas entre os membros do governo. Com a ascensão de Hitler a situação é modificada, com um crescimento na violência contra dos judeus, destruição e profanação das sinagogas, depredação de lojas e humilhações públicas. Além disso, a questão da raça era central no nazismo onde “a comunidade nacional é uma comunidade de sangue”<sup>IV</sup> e nessa configuração o judeu não se encaixava. Alguns membros da sociedade os viam como participantes de conspirações com intenções comunistas, capitalistas, bolcheviques, as determinações eram das mais diversas.

A queima de livros judaicos e a criação da lista negra de livros em 1933 foi uma atitude do nazismo que se afirmava como uma purificação da influência judaica. Esses livros proibidos foram escolhidos por estudantes e universidades, apesar da maioria deles sequer terem lido as obras censuradas. Criando um tabu ao afirmarem serem obras subversivas que pregavam o marxismo, o judaísmo eles reforçaram a iniciativa de recriar uma identidade alemã.

No segundo capítulo demonstra de que forma O Manifesto das Doze Teses criado pelos estudantes que organizaram a queima dos livros apresentava o judeu e suas obras:

“O judeu só sabe pensar de uma maneira judaica. Quando escreve em alemão, mente. Queremos erradicar a mentira. Obras judaicas só devem ser publicadas em hebraico. Se aparecem em alemão, devem ser identificadas como traduções. A escrita alemã só deve estar disponível para uso dos alemães”<sup>V</sup>.

A ideia de raça era a base para o Terceiro Reich e era considerada pelos nazistas como uma fonte de força para o povo alemão. Nesse caso, a propaganda tinha por função reforçar essas ideias e disseminar as políticas aplicadas contra os judeus, o uso da violência popular, as leis discriminatórias e a impossibilidade de redenção para os judeus. Essa postura é reforçada pelas Leis Raciais de Nuremberg anunciadas em 1935 por Hitler, que já se denominava como *Führer* (líder), que definiram a partir das origens religiosas e históricas quem era ou não ariano. Essa classificação seria feita a partir da análise da árvore genealógica da família onde a ideia de raça perpassava pela religião e atributos nacionais. Apesar dos nazistas se interessarem pela aparência externa (física) dos judeus estavam mais preocupados com o “espírito judaico” e a “mente judaica”<sup>VI</sup>

Entre 1934 e 1935 inicia-se o isolamento e segregação dos judeus, além das agressões públicas, os eles tiveram suas cabeças e barbas raspadas, além dos frequentes tumultos em suas lojas. A obsessão em relação ao judeu criou uma atmosfera de pânico entre os alemães, sempre com medo de contaminação e de estarem em constante perigo. O autor apresenta que além das categorias já demonstradas anteriormente de acusação marxista, bolchevique e comunista eram vistos como um vírus perigoso e o oposto do ser humano.

No terceiro capítulo aborda como a paranoia em relação ao judeu cresce, sendo eles vistos em toda parte as tábuas antijudaicas cobriram a Alemanha em restaurantes, hotéis, trens, praias, estradas declarando: Não são bem-vindos os judeus. Elas demarcaram os espaços onde os judeus não poderiam entrar e isso permitiria uma melhor qualidade de vida para o cidadão alemão. Em 1938 a presença judaica na esfera pública torna-se cada vez mais rara. Em 1939 foram obrigados a incorporar os nomes de

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA

Sara, para as mulheres e Israel, para os homens em seus nomes, além disso, recomendava-se a utilização de insígnias de identificação e confinamento em bairros específicos que tornaram-se os guetos. O objetivo era reescrever a história alemã sem a presença dos judeus e judaísmo.

O quarto capítulo mostra que essa discriminação por parte da Alemanha também tem por base o determinismo histórico que classifica os judeus como o povo do livro, de origens antigas e que deveria ser desvinculado da história alemã. Além disso, apresenta o aumento nas restrições a eles, sendo incorporada a utilização da estrela de Davi com a inscrição *Jude* (Judeu). Segundo o autor a Noite dos Cristais seria o ponto de partida para o processo de extermínio proporcionado pelo Holocausto. A participação de profissionais formados dentro desse genocídio o coloca dentro de um antissemitismo frio, ponderado e desprovido de sentimentos.

Durante o capítulo cinco ele continua a apresentar essas restrições, como a de 1938 onde as relações com judeus seriam punidas publicamente no pelourinho, além da proibição da presença dos mesmos nas praças, ruas ou vizinhanças. Eles passaram a não ser vistos, saindo somente à noite ou de forma que não fossem vistos. Nos locais frequentados pelos alemães via-se a placa *proibida a entrada de judeus* e com a aproximação da guerra eles tiveram suas atividades suspensas, perderam seus empregos e foram obrigados a vender seus bens ou seriam tomados pelo Estado.

A partir de 1939 as políticas tornaram-se genocidas e foram resultado da “fermentação” de ideias durante os anos de 1933-1939 de que o judaísmo não tinha lugar na Alemanha. Os guetos tornaram-se a residência dos judeus e o cidadão alemão sabia disso, pois frequentemente as imagens desses locais eram expostas nos cinemas, nos jornais e em fotos tiradas por soldados e civis que visitavam a Polônia e os guetos. Não mantiveram silêncio porque não soubessem o que estava acontecendo, mas porque sabiam e podiam imaginar o que se passava dentro dos guetos e o que era feito dos judeus.

O autor conclui a obra apresentando as movimentações no período da guerra, que Hitler achava que seria rápida, com massacres à luz do dia. Em 1941 a utilização da braçadeira com a estrela de Davi tornou-se obrigatória para todos os judeus, crianças ou adultos. São proibidos de emigrar e inicia-se na deportação para os campos de extermínio que deram sentido ao império nazista, segundo Confino.

É uma obra muito rica em informações e ilustrações. Sua leitura é fluida e de fácil compreensão, sendo um excelente objeto de estudo e que pode ser utilizado em sala de aula. Recomendado tanto para especialistas no tema, quanto para curiosos e estudantes da área de História. O autor possui o cuidado de referenciar suas citações e estabelecer um índice de ilustrações o que facilita a identificação do leitor.

A partir dessa obra podemos perceber como a paranoia nazista em relação aos judeus trouxe consequências que ecoam até os dias atuais. O Holocausto mostrou os judeus como seres maus por natureza, corruptos e degenerados e os nazistas ao misturar ciência e o nacionalismo afirmavam ser o extermínio dos judeus a renovação da história e um desejo de reescrever a história alemã sem a presença judaica. Essas ideias permitiram aos nazistas promover um dos maiores genocídios da história mundial através da criação de máquinas de gás, campos de concentração e uma sistematização do assassinato em massa de milhares de judeus.

---

<sup>I</sup> Graduanda em História na Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente. Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. E-mail: [caroline@getempo.org](mailto:caroline@getempo.org). Trabalho apoiado pelo projeto “Quando a Guerra chegou ao Brasil: Ataques submarinos e memórias nos mares de Sergipe e Bahia (1942-1945)”, Edital Universal CNPq 2014.

<sup>II</sup> Termo utilizado por Francisco Carlos Teixeira da Silva em **O Século Sombrio**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

<sup>III</sup> KERSHAW, Ian. *L'opinin allemande sous le nazisme*, ed. Paris, CNRS, 1995.

<sup>IV</sup> CONFINO, Alon. **Um mundo sem judeus: da perseguição ao genocídio, a visão do imaginário nazista**. Alon Confino; tradução Mário Molina.- São Paulo: Cultrix, 2016, p. 44.

<sup>V</sup> **IBIDEM**, p. 72.

<sup>VI</sup> **IBIDEM**, p. 86.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CONFINO, Alon. **Um mundo sem judeus: da perseguição ao genocídio, a visão do imaginário nazista**. Alon Confino; tradução Mário Molina.- São Paulo: Cultrix, 2016.